



PARAMIXOVIROSE EM SERPENTES *Bothrops alternatus* MANTIDAS EM CATIVEIRO: DETERMINAÇÃO MORFOLÓGICA E MOLECULAR DO PRIMEIRO RELATO DE OPMV NO BRASIL

Cristiane K. M. Kolesnikovas¹; Telma A. Monezi³; Kathleen F. Grego²; Luciana R. Albuquerque²; Elliott E. Jacobson⁴; Dolores U. Mehnert³; José Luiz Catão-Dias¹

¹Laboratório de Patologia Comparada de Animais Silvestres- Dept. de Patologia- FMVZ/USP ² Laboratório de Herpetologia- Instituto Butantan ³ Dept. de Virologia- ICB/USP ⁴ Dept. of Small Animal Medicine- Veterinary School-University of Florida. ckmkoles@usp.br

O Paramixovírus de Ofídeos (OPMV) foi descrito pela primeira vez em 1976 por FOELSCH e LELOUP em uma criação de *Bothrops moojeni* mantidas em cativeiro na Suíça e, desde então, diversos relatos sobre epizootias provocadas por este vírus vêm sendo descritas em viperídeos e não viperídeos. Apesar de ser amplamente diagnosticada em serpentes de origem brasileira, não há até o momento o relato de casos em nosso país. Este trabalho tem por objetivo descrever um surto de OPMV ocorrido em filhotes de serpentes *Bothrops alternatus* (B.a.) mantidas em cativeiro. No mês de novembro de 2000, uma ninhada de 27 filhotes de B.a. nascida em cativeiro no Laboratório de Herpetologia do Instituto Butantan, foi transferida para outra sala de manutenção contendo diversos animais adultos de múltiplas espécies de serpentes. Quarenta (40) dias após essa transferência, os filhotes começaram a apresentar sinais clínicos nervosos e/ou respiratórios, vindo alguns animais a óbito. Exemplos submetidos à necrópsia apresentaram predominantemente pneumonia caseosa, esteatose hepática e pequena quantidade de tecido adiposo em cavidade celomática. Diante deste quadro epizootico, sugestivo de infecção por paramixovírus, quatro animais com sinais nervosos (opistótono) foram submetidos a eutanásia e o material colhido para análise histopatológica, imunoistoquímica, microbiológica e virológica. O exame macroscópico não apresentou alterações dignas de nota. A análise histopatológica revelou a presença de lesões características da infecção por OPMV, como a hiperplasia de epitélio pulmonar com tendência a formação de células gigantes, hepatite e pancreatite com presença de células gigante em um animal. Ensaios imunoistoquímicos realizados com o emprego de anticorpos policlonais biotinilados de coelhos anti-OPMV foram marcadamente positivos indicando a presença de vírus em pulmão de 3 animais e pâncreas do animal acometido pela pancreatite. Macerados de órgãos (pulmão, coração, fígado, rim e pâncreas) dos 4 animais acometidos foram inoculados em células de linhagem estabelecida de coração de viperídeo (VH), sendo o efeito citopático caracterizado por arredondamento de células e formação de sincícios, observados em 3 animais, 3 a 11 dias após a inoculação. A presença do paramixovírus nestas células foi confirmada através de reação de hemaglutinação utilizando-se hemácias de galinha a 0,5%, cujos títulos variaram de 32 a 1024 UHA/50µl. A reação de RT-PCR realizada nos mesmos fluidos de cultura resultou na amplificação de um fragmento específico com 679 pb, correspondente ao gene HN, observado em material proveniente de três animais. Concomitantemente, diversos agentes secundários, incluindo *Enterobacter cloacae*, *Citrobacter braakii* e *Salmonella arizonae*, foram isolados a partir de exames microbiológicos de fígado, rim, pulmão, baço e sangue das serpentes estudadas.

Apoio financeiro: FAPESP, CAPES. Marco Aurélio Gattamorta e Dra Sabrina Epiphanyo.